

Somos burros e preguiçosos, mas bonzinhos!

Luís Aguiar-Conraria

O que me surpreende na afirmação de Ribeiro e Castro, e de outros, é esta ideia de que Portugal é um oásis não racista

Na sequência do artigo que escrevi há 15 dias, sobre a morte de Luís Giovanni, José Ribeiro e Castro escreveu outro em que reafirmava e aprofundava o que eu escrevera. Concordamos em quase tudo. Há, no entanto, uma discordância: eu escrevi que não tenho grandes dúvidas de que Portugal é racista, Ribeiro e

Castro diz ter a certeza de que Portugal não é racista. Tendo eu a máxima consideração por Ribeiro e Castro, que é uma pessoa inteligente, serena, moderada e séria, penso que vale a pena debater com ele este assunto.

Podemos questionar o que se quer dizer com Portugal ser (ou não ser) racista. Estamos a falar das leis, das pessoas, de uma maioria de portugueses, de uma minoria significativa, de um sistema que prejudica negros e ciganos? Não sou sociólogo para conseguir dar uma definição precisa, pelo que me fico por uma simples: um país é racista se uma minoria étnica for sistematicamente prejudicada em relação à etnia dominante.

O que me surpreende na afirmação de Ribeiro e Castro, e de outros, é esta ideia de que Portugal é um oásis não racista. Há dezenas de estudos feitos para muitos países a confirmar que o racismo é um problema. Limitando-me aos Estados Unidos, há relatórios oficiais que mostram que os polícias são mais agressivos com negros (e também com hispânicos) do que com caucasianos. Há estudos científicos que mostram que os negros têm mais dificuldade em arrendar casa. Há estudos que mostram que dois CV em tudo idênticos excepto na etnia do candidato têm tratamento altamente diferenciado na procura de emprego. Penso que não preciso de dizer qual a etnia prejudicada.

Mas, apesar de todos estes dados que existem para os Estados Unidos e vários

outros países, de alguma forma, nós, portugueses, somos diferentes. Mais virtuosos, portanto. O facto de Portugal no passado ter sido um país não só escravagista mas exportador de escravos, directamente responsável por milhões de negros arrancados a África e vendidos noutros continentes, o facto de ser um país colonizador até há tão pouco tempo, o facto de termos tido uma guerra colonial, nada disto leva Ribeiro e Castro a desconfiar de que a ideia de que não somos racistas é pura fantasia. É a visão do colonizador bondoso: afinal, enquanto os outros matavam os indígenas das terras que colonizavam, nós misturávamo-nos. Como dizia a propaganda, “Deus criou o Homem e o Português criou o mulato”.

Infelizmente, não há bons estudos para Portugal. Num país que se recusa a recolher dados étnicos sobre os seus habitantes, dificilmente se conseguirá fazer bons estudos sobre discriminação racial. Mas somos assim tão daltónicos que não nos apercebemos da falta de cores na alta sociedade portuguesa? Quantos advogados negros conhecem nos maiores escritórios de advogados? Quantos professores universitários? Quantos ministros ciganos? Quantos jornalistas? Quantos quadros superiores, quantos deputados, quantos *pivots* de televisão? Mesmo que não queiramos confiar nas nossas impressões, ainda assim, há alguns dados concretos. Por exemplo, aqui no PÚBLICO, Joana Gorjão Henriques fez alguns testes para ver se era mais difícil ser-se de uma minoria étnica. Entre outras discriminações, mostrou que também em Portugal é mais difícil a um negro arrendar casa.

OK, OK. Conheço os contra-argumentos, ou pelo menos alguns deles. Possivelmente, na reportagem que Joana Gorjão fez, o

problema não era o cliente ser negro, mas sim o seu sotaque de imigrante por contraposição com o cliente branco que tinha sotaque lisboeta. Para filtrar esse ruído, um cientista teria tido o cuidado de escolher um branco com

sotaque de um país branco (ucraniano, por exemplo) em vez de um com sotaque lisboeta. Os negros não se tornam advogados de grandes escritórios, ou professores universitários ou *pivots* de televisão, não porque os portugueses sejam racistas, mas sim porque vêm de classes pobres e têm pouco acesso a boa

educação. O grande discriminador não é a raça, mas sim a classe.

Eu compro o argumento da classe, não me entendam mal. Acredito que um negro rico tem a vida mais facilitada do que um branco pobre. Mas a comparação correcta não é essa. O negro rico compara-se com o branco rico e o branco pobre com o negro pobre. E aí, mais uma vez, e novamente para os Estados Unidos, estudos feitos com dados obtidos a partir de declarações de IRS ao longo de década e meia mostram que os filhos de famílias negras de classe alta têm uma probabilidade muito maior de passarem para classes inferiores do que os filhos de famílias brancas. Ou seja, a classe social é obviamente relevante, mas a etnia também.

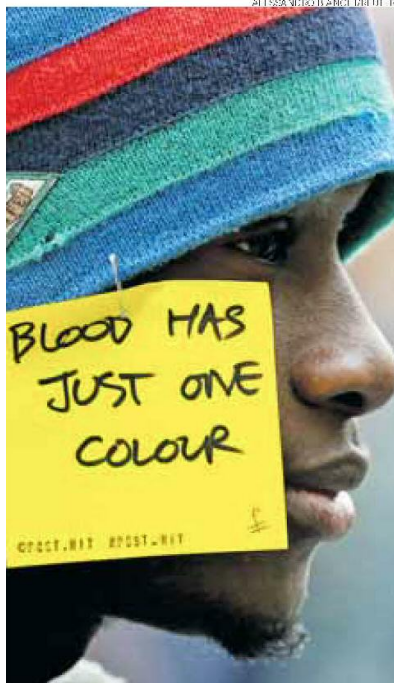
OK, OK, novamente, isto é para os Estados Unidos. Em Portugal, um estudo destes seria simplesmente impossível de fazer, dado que não recolhemos dados étnicos. (O que é compreensível, temos medo do que eles iriam revelar sobre nós.) Assim, não posso, de facto, negar com certeza absoluta que Portugal seja diferente. Mas quer-me parecer que basta um pouco de bom senso para chegar a essa conclusão.

Tenho-me andado a queixar da falta de dados e quase me esquecia de que existem pelo menos alguns dados para comparar o racismo dos portugueses com o de outros povos. No *European Social Survey*, são inquiridas cerca de 40.000 pessoas de 20 países. O inquérito decorre de dois em dois anos. Há alguns anos, foram incluídas algumas perguntas para medir o racismo em cada país. Em Portugal, salvo erro, o inquérito foi conduzido por Alice Ramos (do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa).

Nesse inquérito, os portugueses foram os que se mostraram mais racistas. Às perguntas, e passo a citar, “Acha que há raças ou grupos étnicos que são por natureza menos inteligentes do que outros?” e “Acha que há raças ou grupos étnicos que são por natureza mais trabalhadores do que outros?”, cerca de metade dos inquiridos portugueses respondeu que sim.

Não sei quantas formas diferentes há de interpretar estas perguntas, mas é um facto que, entre 20 países, nós somos aqueles onde mais gente considera que há grupos étnicos que são por natureza menos inteligentes e trabalhadores. Já sei, já sei, aposto que vão argumentar que quando dizemos que há etnias menos inteligentes e menos trabalhadoras do que outras é a nós que nos referimos. Nós é que somos os burros e preguiçosos. E bonzinhos, também.

Professor da Escola de Economia e Gestão da Universidade do Minho. Escreve à quarta-feira



Entre 20 países, somos aqueles onde mais gente considera que há grupos étnicos que são menos inteligentes e trabalhadores



Racismo biológico*



*Crença de que há raças ou grupos étnicos que nasceram menos inteligentes e /ou menos trabalhadores

Fonte: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS) | PÚBLICO

Area: 606cm² / 64%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6730954